



FRANCISCO ARAGO.

O GRANDE astrónomo Francisco Arago nasceu a 26 de febreiro de 1786, na communa de Estagel, antiga provincia do Roussillon (departamento dos Pyreneos orientaes). Seu pae, licenciado em direito, não podia dizer-se abastado; comtudo os rendimentos das pequenas propriedades ruraes, que possuia, chegavam-lhe para sustentar com decencia uma numerosa familia.

VOL. III. — 3.^a SERIE.

As primeiras noções recebeu-as na escola de Estagel: ao mesmo tempo aprendia particularmente a musica vocal.

O proprio Francisco Arago, na historia da sua mocidade, obra posthuma interessantissima, d'onde colhemos estas noticias, confessa ter-lhe feito uma impressão tão grande a invasão hespanhola, que por vezes tentára, subtrahindo-se á vigilancia da sua fa-

NOVEMBRO 4, 1854.

milia, acompanhar os contingentes de tropas que, por Estagel, marchavam para o exercito dos Pyreneos; e todavia era então uma creança!

Obtendo um emprego em Perpinhão, seu pae teve de transferir a residencia para esta cidade; ali o acompanhou o joven Francisco, entrando pouco depois no lyceu respectivo, onde se liam as disciplinas que constituem o curso de humanidades.

Uma conversação porém que teve com um official de engenheiros, antigo alumno da escola polytechnica, produziu uma tal revolução nas suas idéas, que abandonada a leitura de Racine, Corneille e Molière, se consagrou inteiramente ao estudo das mathematicas, preparatorio indispensavel para a admissão, que ardentemente ambicionava, na escola polytechnica.

Nos primeiros passos foi dirigido e leccionado pelo abbade Verdier, homem respeitavel. Mas conhecendo Arago, que já começava a aspirar ás espheras mais elevadas da sciencia, que o bom do padre não era muito profundo na materia, preferiu aprender só com os seus livros; e com tal fervor e gosto se dedicou ao estudo que em anno e meio se achava senhor de todas as materias comprehendidas no programma de admissão áquella escola. Tinha apenas dezeseis annos.

Considerando-se devidamente habilitado dirigiu-se a Montpellier para fazer acto. Monge, examinador, estava então doente, e por isso viu-se obrigado a regressar a Perpinhão.

A sua familia empregava ao mesmo tempo todos os meios para o desviar da carreira que encetára; mas Arago, surdo a todos os conselhos e suggestões, ia augmentando pelo contrario a sua pequena bibliotheca com obras selectas, e procurava incansavelmente aperfeiçoar-se nos conhecimentos que adquirira.

Chegado o prazo do exame, partiu novamente para Toulouse, em companhia de um candidato, que estudara no lyceu de Perpinhão.

Este ultimo, na occasião do acto, intimidado pelo modo severo do interrogante, não satisfez ao que era mister.

Quando Arago se aproximou á pedra, travou-se entre elle e Monge o seguinte dialogo:

— «Se haveis de responder como o vosso companheiro é melhor, que eu vos não examine,» disse o austero professor.

— «O meu companheiro,» redarguiu Arago, «sabia mais do que aquillo que pode mostrar. Espero ser mais feliz do que elle. Todavia devo confessar que o que acabaes de me dizer podia tambem intimidar-me, e por consequencia prejudicar os meus recursos scientificos.»

— «A timidez é a desculpa dos ignorantes; para evitar a vergonha de um desaire é que vos faço a proposta de não vos interrogar.»

— «Não imagino vergonha maior do que aquella que me estaes causando. Interroga-me pois; é esse o vosso dever!»

— «Sois bem altivo! Ora veremos se esse orgulho é legitimo.»

— «Estou prompto, fallae.»

Depois de um exame de mais de duas horas, em que Arago revelara de um modo brilhante o immenso poder das suas faculdades e a extensão dos seus conhecimentos, Monge ergueu-se da cadeira, e abraçando-o, declarou solennemente, que o collocaria no primeiro logar da sua lista.

Em 1803 era com effeito admittido na escola polytechnica, e dous annos depois nomeado chefe de brigada!

(Continúa.)

XIX.

Situação do imperio ottomano na exgllação de Abdul Hamid: continuação da guerra com a Russia: tratado de paz de Kutchuk Kainardji: a Criméa é encorporada á Russia: o sultão chama ao seu serviço officiaes francezes: alliança entre Catharina II e José II para a desmembração da Turquia: guerra entre estes tres imperios: mau successo das armas ottomanas.

MUSTAPHÁ III legou a seu irmão Abdul Hamid um throno vacillante, cercado de immensas difficuldades, e combatido pelos mais encontrados elementos. Apesar dos triumphos, que adoçaram os derradeiros momentos d'aquelle illustre principe, o imperio ottomano achava-se em uma das crises mais perigosas por que tinha passado desde a sua fundação.

Pelo lado do norte, desde o Caucaso até ás margens do Adriatico, estavam invadidas as fronteiras pelo inimigo. Os russos occupavam toda a Criméa e as provincias danubianas. A Georgia, movida pelas suggestões da Russia, acabava de levantar as armas contra o seu suzerano. A Albania estava em completa revolta. Ali Pachá, governador de Janina, tinha-se proclamado independente, e dava principio a essa resistencia porfiosa, que levou perto de meio seculo para vencer. Do lado do oriente a auctoridade do sultão era absolutamente menosprezada. O pachá de Bagdad, posto que não estivesse em rebelião declarada, governava a seu bel prazer, sem executar uma só das ordens emanadas de Constantinopla. Toda a Palestina era um theatro de desordens. Daher, chefe arabe, apoiado pelas tribus do deserto, tentava fundar um estado livre. O Egypto tinha succedido de facto o jugo da Porta.

Tão afflictivas circumstancias eram ainda aggravadas pela falta de um homem que inspirasse confiança á nação. Abdul Hamid era inteiramente inferior á grandeza da missão, que lhe estava commettida. Os dotes do seu coração eram todos bons, excellentes todos os seus desejos, mas não possuia as qualidades d'alma necessarias a um soberano, e muito principalmente na situação especial em que se achava a Turquia. A sua reclusão no interior do serrallo durante perto de 50 annos, junta a um temperamento fleumatico, tinham-lhe dado a fraqueza e a timidez por base do seu character, e o amor do repouso pelo habito que n'elle mais influia.

Não obstante tudo isto Abdul Hamid, excitado pela gravidade dos perigos, que o ameaçavam, pode vencer algum tanto a sua natural inercia e habitos pacíficos. Era necessario um grande esforço para obstar aos progressos do invasor e da anarchia, que dilaceravam as entranhas do imperio. Se Abdul Hamid não correspondeu ás exigencias das circumstancias, todavia fez mais do que se podia esperar da sua indole e character.

Um dos primeiros actos do seu governo foi habilitar o thesouro para fazer frente ás immensas despesas, que a defeza do paiz demandava. Para alcançar este fim era mister recorrer ás economias, pois que as guerras do reinado antecedente tinham esgotado todos os recursos. A nação, por tantas causas empobrecida, não podia pagar mais contribuições extraordinarias.

As medidas por esta occasião tomadas para restringir os encargos ordinarios do thesouro, fazem sem duvida muita honra ao governo de Abdul Hamid. Os seus effeitos foram taes, que o estado viu-se em bre-

ve habilitado para levantar e sustentar um exercito de quatrocentos mil homens. Esta força porém, que n'outra epocha seria sufficiente para repellir qualquer aggressão estrangeira, não bastava agora para defender o imperio contra o accommettimento simultaneo de inimigos externos e internos.

A revolta de Pugatschef veio então em soccorro da Turquia, dando-lhe um pequeno desafogo para melhor organizar a sua resistencia. É sabido como este aventureiro, fazendo-se passar pelo imperador Pedro III, a quem sua esposa Catharina II usurpára o throno, despojando-o da liberdade, e por fim da propria vida, reuniu em torno de si tão crecido numero de incautos e descontentes, que a imperatriz chegou a assustar-se dos progressos da insurreição. As providencias adoptadas para a debellar obstaram a que o governo russo enviase promptamente aos exercitos de operações na Turquia os reforços pedidos pelos generaes Panin e Romanzoff.

Estas treguas foram porém de pouca duração. O exercito invasor, engrossado com duas fortes divisões, tomou a offensiva, e deu principio ás hostilidades com tão habéis manobras, que as tropas musulmanas, envolvidas e desconcertadas pela rapidez dos movimentos do inimigo, foram destroçadas e quasi de todo aniquiladas.

O tratado de Kutchuk Kainardji, assignado aos 21 de julho de 1774, foi o resultado d'esta memoravel acção, de que a Russia tiraria ainda mais partido se lhe não puzessem estorvos as duas grandes potencias allemãs.

A paz custou ao sultão o seu assentimento á partilha da Polonia entre a Russia, Austria e Prussia; o reconhecimento da independencia da Criméa, do Budjak e do Kouban; a cessão aos russos das praças de Azof, Kilbouroun e de varias outras fortalezas, e finalmente a entrada franca e livre navegação de todos os mares do imperio ottomano para os navios d'aquella nação. Em troco d'estes sacrificios os russos evacuaram a Bessarabia, a Moldavia, a Valaquia, e as ilhas do archipelago de que se haviam appossado.

Achavam-se os musulmanos tão cansados da guerra, e tão aterrados pelos triumphos da Russia, que a paz, sem embargo das suas condições onerosas e humilhantes, foi recebida em todo o paiz com geral applauso.

Catharina II, se não conseguiu levar a cabo os seus projectos, avançou comtudo muito para a realisação d'elles. Com a independencia da Criméa tirou á Turquia o seu mais valente auxiliar em todas as guerras do imperio, e ao mesmo tempo aplanou o caminho para se apoderar d'esta importante provincia. Com a aquisição de Azof habilitou-se, pela excellencia e grandezza d'este porto, a ter no mar Negro uma força maritima respeitavel com que apoiasse os movimentos dos seus exercitos nas futuras tentativas de conquista. Com a abertura dos mares dos dominios turcos ao pavilhão moscovita, além de immensas vantagens commerciaes, facilitou ás suas esquadras a passagem para Constantinopla.

A conclusão da paz permittiu ao sultão de se occupar exclusivamente dos negocios internos. O exercito foi empregado em operar contra as diversas provincias revoltadas, cuja tranquillidade se restabeleceu depois de bastante effusão de sangue. O governo porém tirou uma horrivel vingança dos embarços e perigos em que o lançaram essas diferentes rebelliões durante a lucta com a Russia. As execuções que tiveram logar por esta occasião na Grecia, na Albania e n'outras provincias, formam uma das paginas mais negras da historia geral das nações.

Entretanto os agentes russianos urdiam na Criméa a intriga por meio da qual a imperatriz Catharina logrou entrar na posse d'esta provincia. Primeiro semeando a discordia, e promovendo a divisão intestina, depois introduzindo tropas no paiz, sob o pretexto de accommodar as desordens, acabou por alcançar do kan a cessão de todos os seus direitos ao governo da Criméa, mediante uma avultada pensão (abril de 1783).

O gabinete ottomano seguiu com anciedade e pesar todo o curso dos successos, que transformaram a Criméa em uma provincia russiana, pois que eram bem visiveis as vantagens politicas, que provinham á Russia da aquisição de um territorio habitado por um povo eminentemente guerreiro, e onde se achava o mais bello porto do mar Negro. Primeiramente não poupou diligencias para estorvar semelhante usurpação, e vendo-as baldadas quiz até recorrer ás armas; mas o embaixador francez conseguiu dissuadir-o d'essa resolução.

Os successos da Criméa causaram em toda a Turquia grande effervescencia. As humilhações por que a Russia fez passar a Sublime Porta, e todos os passados aggravos, reverdeceram no animo dos musulmanos com o procedimento de Catharina II. A opinião publica pronunciou-se energicamente pela guerra, e diversas representações foram dirigidas ao divan, pedindo-a com encarecimento. O governo não a desejava menos; mas reconhecia a impossibilidade ou imprudencia de a declarar na presente occasião. Resolveu-se todavia a preparar-se para ella. Trabalhou desde logo com incançavel zêlo em todo o genero de armamentos, promovendo com efficacia a restauração da sua marinha.

Todavia as ultimas guerras tinham demonstrado, que não eram bastantes estes meios de defeza para fazer frente aos inimigos do imperio. A Turquia, afferrada aos seus velhos habitos e a todas as praticas dos tempos antigos, tinha ficado estacionaria no meio do desenvolvimento geral dos conhecimentos humanos. Assim os seus generaes, por mais numerosos e aguerridos que fossem os exercitos que tivessem sob as suas ordens, não tinham partido diante dos generaes da Russia e de Allemanha, onde a estrategia e a disciplina militar tinham feito notaveis progressos.

O gabinete ottomano, reconhecendo portanto esta falta, tomou ao seu serviço grande numero de officiaes francezes, que trataram de adaptar o mais possivel ao exercito turco a organização e disciplina das tropas europeas. Estabeleceu-se em Constantinopla, sob a direcção do general barão de Tott, uma escola de artilharia e fundições de armas.

Em quanto progrediam estes preparativos bellicos, uniam-se a Austria e a Russia em alliança íntima contra o imperio ottomano. Catharina II, tendo partido de S. Petersburgo com o fim ostensivo de visitar a Criméa, foi encontrar-se com imperador José II na cidade de Kherson, junto ás margens do Dnieper; e ahi ajustaram estes dous soberanos um tratado secreto de alliança para a desmembração da Turquia (1786).

Apesar do segredo que se guardou em toda esta negociação, Abdul Hamid teve conhecimento, por desconfiança ou por denuncia, do que se passára n'aquella conferencia. A' vista d'aquelle pacto era inevitavel a guerra, e n'estas circumstancias decidiu-se o sultão a ser o primeiro a romper a lucta.

Posto que as reformas introduzidas no exercito, e os grandes armamentos navaes tivessem posto a força publica em muito melhor pé, comtudo era bem evidente, que a Turquia não se achava em es-

tado de sustentar a guerra contra aquelles dous imperios unidos em alliança íntima por um interesse commun. D'esta vez foi a Inglaterra quem incitou o sultão a dar principio ás hostilidades, animando-o com a promessa de apoio por parte da Polonia, da Suecia e da Prussia.

As primeiras operações do exercito turco foram coroadas de feliz resultado. Nas margens do Dnieper e do Danubio, e na fronteira da Hungria não puderam as tropas allemãs e russianas supportar o impeto dos soldados musulmanos. Belgrado resistiu gloriosamente aos austriacos, e o grão-vizir, correndo em soccorro d'esta praça, levou-os de vencida, assenhoreando-se depois de varias fortalezas hungaras. O imperador José II esteve quasi a ponto de cair prisioneiro em suas mãos.

Passado que foi o vigor d'esse primeiro accoimento; refeito o inimigo do sobresalto que lhe causou um ataque geral para que não estava ainda preparado; a campanha mudou logo de aspecto. D'ahi por diante todas as vantagens foram em favor dos alliados. O principe de Saxe Coburgo, general em chefe dos allemães, e Romanzoff e o principe Potemkin á frente dos russos, combinando as suas operações, expulsavam os turcos da Moldavia, e iam derrubando o crescente musulmano em todas as praças a que davam assalto.

A estes triumphos dos alliados veio acrescentar novos louros uma grande victoria naval. A esquadra ottomana, forte de sessenta vasos, pela maior parte de alto bordo, procurava defender a todo o custo a praça de Oczakow, sitiada por um exercito russo de outenta mil homens, commandados pelo principe Potemkin. A esquadra russiana chegou ás mesmas aguas em auxilio das tropas sitiadoras; porém o seu almirante não dispunha de forças tão consideraveis. A sua armada compunha-se quasi toda de vasos de menor porte; mas d'esta circumstancia, na verdade tão desfavoravel, soube tirar a maior vantagem possivel. Fingindo querer esquivar-se a um combate, attrahiu o inimigo a um ponto da costa, onde não havia sufficiente altura d'agua para navegarem naus de linha. O intrepido Haçan, que commandava a esquadra turca, mais corajoso do que prudente, caiu facilmente na cillada, que lhe armou o seu rival. Parte das suas naus encalharam nos bancos de areia, e o resto, impedida de manobrar com a promptidão necessaria, e atterrada a tripulação por aquelle acontecimento não ponde resistir ao ataque dos navios russos. A artilharia do general Souwaroff, que viera para a costa visinha a soccorrer o almirante russo, completou o destroço da esquadra ottomana. A tão grande desastre seguiu-se a perda immediata da praça (dezembro de 1788). N'estas duas acções tiveram os turcos mais de vinte e cinco mil homens mortos.

O inverno interrompeu a continuacão da campanha; mas antes que rompesse de novo falleceu o sultão Abdul Hamid. Desgostoso pela falta do apoio com que a Inglaterra o fizera contar no principio da lucta; assustado pelos triumphos successivos dos alliados, succumbiu á adversidade. A impressão que lhe fez a noticia dos ultimos reveses originou-lhe a doença de que morreu aos 7 de abril de 1789, tendo 64 annos de idade e 15 de reinado.

Em tempos mais pacificos este soberano teria feito um bom governo. Mas se lhe saltaram qualidades muito essenciaes para corresponder ás necessidades publicas nas crises extraordinarias em que se achou o paiz durante todo o seu reinado; as suas boas intenções, os sacrificios que fez para a salvacão do imperio; os generosos esforços com que procurou dar impulso á civilisacão do povo ottomano; grangearam-

lhe um nome illustre entre os successores d'Osman. Se esses esforços aproveitaram pouco ao seu paiz, não foi culpa d'elle, mas sim da obstinacão fanatica com que os musulmanos se recusavam a aceitar quaesquer innovações nos seus habitos e costumes. Foi a essa invencivel repugnancia, que por vezes tomou o caracter de insurreicão, que se deve attribuir o malogro das diligencias empregadas pelo general barão de Tott e pelos officiaes francezes para collocarem o exercito ottomano a par do das nações civilisadas; repugnancia fatal, a cuja conta se podem lançar em grande parte as desgraças, que então affligiam a Turquia.

Abdul Hamid apenas subiu ao throno deu inteira liberdade a seu sobrinho e herdeiro presumptivo o principe Selim. Este acto com que fez a sua estrêa no poder patenteou ao paiz a humanidade e generosidade da sua alma; e o paiz, apreciando-o devidamente, remunerou-lhe esse procedimento com uma sincera affeicão, que nem as desditas publicas, nem a falta de energia do soberano, puderam affrouxar.

(Continúa).

I. DE VILHENA BARBOSA.

QUADROS MARITIMOS.

VI.

MIL E UM NAUFRAGIOS.

1594.

DEIXAMOS esboçados alguns quadros maritimos, em pequeno numero para fugir de repetições; não era para os limites d'este jornal desenvolver o vastissimo painel dos naufragios, combates e incendios dos nossos galeões da India, e os trabalhos dos valentes navegadores do cabo das Tormentas, não só por mar, mas nos insalubres sertões de Africa, sempre combatendo, e soffrendo a fome e a sede. Agora vamos concluir estes apontamentos com algumas palavras ácerca de outros notaveis naufragios e desgraças succedidas a varias naus da India; o leitor, que mais larga noticia quizer d'este assumpto, pode procural-a na *historia tragico-maritima*, e outros opusculos soltos de diversos auctores, taes como Diogo do Couto, Manuel Godinho, Lavanha, Amiral, Mesquita, Mascarenhas, Manuel Barradas e Henrique Dias.

O descobridor do cabo da Boa Esperança foi logo a primeira victima das furias do Adamastor, porém d'essa perda não temos particularidades; muitas outras desgraças succederam ás naus portuquezas logo no começo da descoberta e conquista, porém o naufragio mais afamado d'esses primeiros tempos foi o do galeão *S. João* na costa do Natal, pela circumstancia de perecer ali o grande Sepulveda, e sua esposa a formosa D. Leonor, com seus filhos, e tanta outra gente da India; mereceu elle ser cantado por Camões e Corte-Real, e commemorado em prosa por differentes escriptores, tanto nacionaes como estrangeiros; nada acrescentaremos pois ao muito que sobre o objecto ha para ler. Logo em 1554 se perdeu na bóca do rio do Infante, proximo ao cabo da Boa Esperança, a nau *S. Bento*, uma das mais possantes que até áquella epocha passara á India, cujo capitão, Fernão Alvares Cabral, morreu vadeando a ribeira de Santa Luzia, e foi enterrado perto, como continos na relação do

naufragio do galeão *Santo Alberto*; e dos navios que saíram na mesma monção de Cochim só um chegou ao reino; porque a nau *Barrileira*, depois de arribar a Moçambique, emprehendeu no seguinte anno a viagem, e nunca mais se soube d'ella; a nau *Santiago* perdeu-se já na travessia dos Açores para Lisboa; e a nau *Serveira* arribou á India. Em 1555 succedeu o desastre, que já referimos, da nau *Conceição* nos baixos de Pero dos Banhos; e o piloto, que dera o nome a esse parcel, foi morrer desastadamente afogado em outro naufragio! Em 1559 foi perder-se a nau *Framenga* em S. Thomé, destroçada pelos temporaes que apanhára no cabo; e a nau *Graça* afundou-se na altura do cabo das Correntes, salvando-se a gente em outra nau a *Aguia*, a que tambem chamaram a *Patifa*, e que conduzia ao reino o grande governador da India Francisco Barreto. Esta nau, já bastante velha, por duas vezes arremetteu com as furias do Adamastor, e de ambas teve que fugir, com agua aberta, para Moçambique, aonde ficou sepultada. No mesmo anno se perdeu tambem na costa oriental de Africa, vindo da India, a nau *Santa Maria da Barca*, de que era capitão-mór D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, filho do arcebispo de Lisboa D. Fernando de Menezes. O navio foi-se ao fundo com a agua que abriu, e os poucos que se salvaram no batel andaram largos dias peregrinando por aquella costa, até que encontraram dons navios portuguezes no porto de Avo, aos quaes se acolheram.

A nau *S. Paulo*, indo de Lisboa para a India em 1561, foi perder-se na ponta da ilha de Sumatra; e mal se podem calcular os soffrimentos passados pela sua tripulação e passageiros n'aquelle paiz inhospitaleiro; a fome, o frio, as traições dos natu-raes da terra, que os assoberbaram; foi um martyrio de muitos dias e com bastantes victimas, entre as quaes deve contar-se uma formosa senhora casada, D. Francisca d'Azevedo, que ficou captiva entre os negros, tendo visto morrer seu marido por defendel-a.

Em 1582 perdeu-se no parcel de Sofala o galeão *S. Luiz*, que ía para a India. Em 1585 a nau *S. Lourenço*, em Moçambique, quando regressava ao reino; e no mesmo anno o galeão *Santiago* enca-lhou e desfez-se no baixo da India, indo de Lisboa, e tendo já dobrado o cabo das Tormentas; pouca gente se salvou em uma jangada, e cincoenta e sete homens no batel, que foi ter aos rios de Sena. Do numero dos salvados era o nosso celebre chronista Diogo do Couto, que logo quatro annos depois (1589) naufragou outra vez, em companhia de D. Paulo de Lima (que morreu entre os cafres), tendo escapado na terra dos Fumos da nau *S. Thomé*, que ahi se perdeu. Elle mesmo escreveu a circumstanciada relação d'este tristissimo successo. Antes d'este perdêra-se em Ormuz o galeão *Salvador*, no anno de 1587; e no mesmo de 1589 desapareceu a nau *S. Antonio* que ía de Lisboa para a India; disse que ardeu no mar. Em 1590 sumiu-se o galeão *S. Lucas*, d'esta carreira, sem que nunca mais d'elle houvessem novas. A nau *S. Francisco dos Anjos*, construida na India, perdeu-se em Moçambique, quando vinha para o reino, no anno de 1591; sorte que tiveram quasi todos os galeões construidos em Goa para as viagens de Portugal. Em 1593, ao mesmo tempo que se perdia a *S. Alberto* no penedo das Fontes, ía a pique a nau *S. Christovam* no canal de Moçambique, e naufragava a *Nazareth*.

A nau *Madre de Deus*, voltando ao reino, perdeu-se nos baixos das Desertas, aonde toda a sua

gente foi morta pelos arabes, com excepção de dezesseis pessoas (1595). A *Nossa Senhora do Rosario*, vindo tambem da India, abriu agua e foi varar em Moçambique (1596). A *Nossa Senhora da Encarnação* ardeu em Cochim, aonde estava prompta e carregada para conduzir a Portugal o vice-rei Mathias d'Albuquerque; e n'este desastre morreram alguns homens (1597). No mesmo anno deu á costa na ilha de S. Miguel, indo arribada para Lisboa, a nau *S. Francisco*, por se livrar de cento e quarenta velas de uma armada ingleza; e a nau *Nossa Senhora do Castello* perdeu-se perto de Moçambique, aonde o capitão e poucos mais chegaram a salvamento. Em 1600 desapareceu o galeão *S. Philippe*, indo de Lisboa para a India, sem que se saiba como e onde se perdeu. Em 1601 naufragou em Socotorá o galeão *S. Antonio*, salvando-se pouca gente; n'este numero entrou o capitão Manuel Paes da Veiga, sua mulher e uma cunhada. Muito navegavam as nossas portuguezas d'este tempo; não ha naufragio em que não appareçam mulheres, e a darmos inteiro credito aos chronistas, muitas d'ellas formosas e gentis.

Em 1621, mesmo sobre a barra de Lisboa, investiram dezeseite naus turcas com a nau *Conceição*, que vinha da India, e depois de largo combate a queimaram, levando captiva para Argel a pouca gente que escapou do destroço. Em 1622 perdeu-se no cabo da Boa Esperança a nau *S. João Baptista*, como tantas outras, e a sua gente, como tanta outra, marchou a pé pelo sertão até Sofala! Em 1635 succedeu o mesmo á nau *Nossa Senhora de Belém*, de cujo naufragio o proprio capitão, Joseph de Cabreya nos deixou uma extensa relação; e em 1647 vararam em diferentes pontos da costa, proximo do cabo, as duas naus *Sacramento* e *Nossa Senhora da Atalaya*, que haviam saído juntas de Goa para Portugal, e que a tempestade desgarrava por diferentes rumos, indo encontrar-se os que escaparam de cada um dos navios, com grande pasmo, em meio dos sertões da cafraria!

Quantos naufragios, que innumeradas desgraças de portuguezes não tem presenciado o cabo da Boa Esperança!...

*Pelos nossos desastres és famoso,
Maldito Adamastor! Maldita fama!*

Este anno de 1647 foi terrivel para os navegadores da India. Em Goa perderam-se, estando surtos, um patacho e uma caravela, que íam seguir para a China com a grande riqueza que tinham a bordo; sete navios de socorro, carregados para Ceylão; e doze embarcações da armada do Canará, sem de nenhuma d'ellas se salvar cousa alguma. Tambem se perdeu o galeão *Santo Milagre*, d'onde apenas se salvaram quarenta pessoas; e a nau *Pala*, que vinha do reino, deu á costa nos rios de Cuama, salvando-se a gente para um patacho de Moçambique, que naufragou em seguida, morrendo todos. Que fatalidade!...

Em 1649 se perdeu ainda o galeão *S. Lourenço* nos baixos de Moxincalle, e logo abaixo das ilhas de Angoxa o galeão *Nossa Senhora do Bom Successo do Povo*, que juntos haviam largado do Tejo. D'este morreram tresentas pessoas no naufragio, d'aquelle poucas. Os que escaparam foram encontrar-se em Moçambique, e ahi se finaram bastantes com as febres do paiz; de tal forma que d'ambos os barcos só chegaram a Goa duzentas pessoas, tendo saído de Lisboa com mil e tresentas! D'esta vez castigou-se a negligencia dos officiaes; alguns foram prezos; o piloto

do galeão S. Lourenço condemnado em dez annos para as galés de Portugal, e o mestre do mesmo galeão, Domingos Henriques, foi enforcado no Mandovi. Já antes havia sido enforcado tambem o contra-mestre do galeão *Santo Milagre*, que se perdeu nas Maldivas; e creio que nenhum outro d'estes exemplos ainda houve.

Outros muitos naufragios succedidos n'esta carreira da India deixo de mencionar, e os innumerados das armadas do Brazil e de Angola, de Malaca, China e Japão, e das Molucas; e tantas naus roubadas e queimadas por inglezes, francezes, belgas e argelinos, com o que se faria a mais lastimosa das historias. Hoje temos pouca navegação para o oriente, e por isso são raros os desastres que succedem ás nossas embarcações n'aquellas partes; assim mesmo, ainda em nossos dias soubemos como ardeu em Macau uma fragata, que fóra com carga á India. Essa esteira, por onde tantos annos só passaram quilbas portuguezas, vê hoje com assombro tremular no tópe de algum navio desgarrado as quinas de Portugal. O que nos resta é conservar a memoria das façanhas de nossos avós, imitando aquelles nautas dos circulos polares, que antes de se deixarem envolver pelo gelo, lançam a historia das suas descobertas, cuidadosamente lacrada, ás ondas do mar, confiando que alguém a encontrará, e que se perecerem n'aquellas frias regiões, a posteridade saberá até onde ao menos chegou a sua audacia. —

F. M. BORDALO.

A VIDA.

AOS MEUS AMIGOS, L. A. DE CARVALHO
E J. A. C. DE BARROS.

I.

AGORA, amigos, bruxulêa e morre
Do sol o vívido, tenaz clarão;
Tepida a brisa que de manso corre
Nas folhas brinca de que alastra a chão!

Incerta a luz qu'empallidece e cede
A's trevas densas que surgindo vem,
Solemne est'hora em que cad'homem mede
Quão grande é Deus, p'las sensações que tem!

Brando o perfume que rescende e exhala
N'hastea mimosa debruçada a flor,
A natureza que despindo a gala
Um hymno entoa que respira amor!

Incendem n'alma que s'extenúa lassa
Desejo ardente d'expandir-se e amar!
De ver outra alma que a compr'henda e faça
Acerbo espinho de pungir, cessar!

É doce então ir sobre um peito amigo
Pallida a fronte repousar emfim!
E achar bem longe do vão mundo abrigo
Que em peito d'homem se não acha aqui!

Saiámos pois, d'este recinto estreito,
Que pouco a pouco nos mingua o ser!
E o ar nos falta, nos suffoca o peito
Oh! d'outra vida, vamos pois viver!

II.

É arida e triste a vida!
No ermo de adusto pó
A creatura perdida
Ao acaso vae, e só!
E pára, e cansa... o deserto
É immenso, como incerto
Da jornada o fim que tem!
E pára... e cansa... e caminha
E nem a mente lhe adivinha
Pr'onde vae, e d'onde vem!

D'onde vem?! negro mysterio?
Nasce e vive... e eis-la de pé!
Pr'onde vae? — vae-se ao imperio
Da morte, e não sabe o que é!
E no viver inconstante
Tem um orgulho gigante,
Julga-se grande, e sorri!
Cede a um poder que a domina,
Vem um raio que a fulmina,
E onde sorriu, morre ali!

A vida é arida e triste!
Incompr'hensivel que lei
A cada vivente assiste
Ou seja mendigo ou rei?!
E exulta o homem, não sabe
Que n'elle a força não cabe?
Que n'elle ha só pequenez?
Que á menor fadiga cede?
Que pode morrer á sede
Do deserto na arides?!
E exulta!... exultei, na infancia,
Sorriu-me a aurora, sorri!
Inebriou-me a fragrancia
Das flores que amei, e vi!
Que vasto jardim, fecundo
Para mim não era o mundo!
Qu'horisonte! qu'illusão!
De forte qu'era innocente,
Homem tornei-me impotente!
Cai d'altura no chão!

A maga flor da existencia
Folha a folha s'esfolhou!
O esmalte perdeu, e a essencia
Da pobre flor que ficou?!
Que pungente desengano!
Vão-se as folhas, vão no oceano
Supremo o transe passar!
Mas victimas de qu'impulso?
No seio do mar convulso
Quem foi as folhas guardar?!
Como o homem é cobarde!
Como é fraco o peito seu!
Ou se a mente em chammas arde
Ou se a tolda espesso véu!
A fronte acurva e abate
Fica immovel, no combate
Ingente, não luctará?
Não ha um instante de vida
P'ra que o braço suicida
Diga á vida, pára já!

Amigos, tendes sublime
Santa a crença no porvir!
Qual a dor que vos opprime?
Que magua vos vem pungir?!

Para vós que panorama
Na phantasia s'inflamma
De variadas cores mil!
Que perfume tem as flores!
Que fé viva nos amores!
Qu'encantos n'um céu d'anil!

Sabei, que atravez d'um prisma
Vós olhaes, enganador!
Que quem na ventura scisma
Scismará depois na dor!
Que todo o sorriso mente!
Que todo o peito mal sente,
Que as trevas seguem a luz!
Que ha veneno nos carinhos,
Que cada flor tem espinhos,
E cad'alma a sua cruz!

O que val o estudo, a gloria
Fumo que breve s'esvae!
O saber foge, e a memoria
Quando o corpo morre e cae!
Morre e cae, no campo vasto
Aos vermes serve de pasto,
Vão-lhe as fibras corroer!
É a vida espedaçada,
Volve-se a materia ao nada,
Eis como s'extingue um ser!

III.

Ai! sede firmes na crença
Que é bom no amor, na virtude
Crenças ter!
Mais val que a ironia immensa,
Que o sorriso acerbo e rude
Do descrer!

Eu cedo ao pezo infinito
De um viver arido e triste
E real!
O meu destino é maldito,
E é o genio que me assiste
O do mal!

E se uma frase descrida
Solta em transes d'amargura
A paixão,
Esquecei-a, que na vida
Tambem off'rece ventura
A illusão!

ERNESTO MARECOS.

INSTRUÇÃO PUBLICA E DESENVOLVIMENTO
INTELLECTUAL NA GRECIA.*Sociedades scientificas.*

1.º *A Sociedade Philepedeutica*, de que já se deram alguns pormenores. A subscrição annual dos socios é de 36 drachmas.

2.º *A sociedade archeologica*, a que já se alludiu, e a cujas expensas se tem levado a effeito com tão bom exito muitos descobrimentos. Esta sociedade compunha-se em 1841 de outocentos e trinta e seis membros ordinarios, e cento e outenta e sete honorarios, e contava com um grande numero de protectores; entre elles os reis de Dinamarca e da Prussia e o principe real de Baviera. O rei dos Paizes-Baixos tambem tem dado á sociedade altas provas

de sua especial benevolencia. Até agora tem sido eleito constantemente presidente da sociedade o ministro dos negocios estrangeiros na Russia. A subscrição annual dos socios ordinarios é de 15 drachmas.

3.º *A sociedade de historia natural*. Fundou-se em abril de 1835; em 1841 contava cinquenta e seis membros ordinarios, e dez honorarios. Creou o gabinete de historia natural, e publica cinco escriptos periodicos sobre a historia natural em francez e allemão. A subscrição annual dos membros ordinarios é de 36 drachmas.

4.º *A sociedade medica*. Fundou-se em 1835; em 1841 compunha-se de trinta membros ordinarios, e publicava um periodico de medicina, que se interrompeu ha algum tempo. A subscrição annual dos membros é de 15 drachmas.

5.º *A sociedade pharmaceutica*, fundada em abril de 1838, propõe-se publicar um periodico de pharmacia.

6.º *O Museu*. Sociedade fundada pelos estudantes para sua communicação reciproca, e para a leitura de jornaes scientificos. Diferentes professores dão lições gratuitas no local d'este museu.

7.º Trata-se de se fundar nina sociedade *phylarmonica*, e outra para *aperfeiçoamento da infancia*.

Imprensas e livrarias. — Jornaes e escriptos periodicos.

Existem em Athenas onze typographias, comprehendendo a real. Entre as particulares distinguem-se as dos srs. Koromilas e Garbolas. Ha tambem quatro livrarias bem sortidas, que são as de Koromilas, Garbolas, Nast e Bunt. Os dous primeiros são tambem editores. Em Sira e Patras existem tambem outras typographias e livrarias.

Em Athenas, Sira e Patrás publica-se um grande numero de jornaes. Só na capital ha dezeseis, que são os seguintes: o *Diario do governo*; o *Correio grego*, diario semi-official, em grego e francez; o *Observador grego*, tambem em grego e francez; o *Athenas*; o *Aeon*; o *Amigo do Povo*; os *Filhos da Patria*; a *Vespa*; o *Zéphiro*; o *Progresso*; o *Sócrates*; a *Abelha*; a *Fama*; o *Eranistes*, jornal puramente litterario; a *Revista Archeologica*; e o *Asclepios*, revista de medicina. Estes periodicos representam as diversas opiniões e os diferentes partidos que dividem a Grecia. Alguns são do genero mais virulento, e offerecem o curioso espectáculo de um povo, que não tem representação nacional, e onde a liberdade de imprensa existe com todos os seus excessos. Além d'isso os jornaes, que são lidos com mais avides nos cafés de Athenas, exercem pouca influencia nas provincias, onde as paixões e as intrigas locais tem mais poder que o impulso longiquo dos partidos que se agitam na capital.

(Continúa.)

L.

PRESERVATIVO CONTRA AS MOSCAS QUE
PERSEGUEM O GADO.

É BEM sabido que no verão principalmente, e em certas localidades do nosso paiz, as moscas perseguem e flagellam o gado, causando-lhe terriveis encommodos, que tornam os animaes ainda os mais mansos, impacientes e insoffridos. Tem-se notado que aquelles insectos, por um instincto extraordinario, mordem com mais pertinacia qualquer animal quando

está jungido ao arado ou carregado, isto é, quando se não pode defender de algum modo.

Ha um meio porém facil e pouco dispendioso, que pode ser empregado com a maior vantagem pelos lavradores e creadores de gados de toda a especie; e

consiste simplesmente em esfregar todas as manhãs as pernas e a barriga dos cavallo, bois, vaccas, e outros animaes domesticos, com azeite de peixe, cujo cheiro infallivelmente affugentará as moscas, livrando aquelles de tão quizilentos inimigos.



UM PARAU DE ACHEM.

A CIDADE de Achem, celebre nos fastos das nossas gloriosas conquistas e descobertas, pela sua tenaz resistencia ao esforgo dos nossos capitães e navegadores, é situada em uma planicie, na costa do norte da ilha de Sumatra, ou Samatra, que de ambos os modos se acha escripto este nome nas chronicas d'aquelle tempo.

A antiga pericia maritima dos habitantes de Achem apenas hoje se exercita nas pescarias e no commercio de cabotagem, que é realmente extenso e importante.

O commercio de longo curso pudera tambem ser consideravel; por quanto a ilha de Sumatra produz a camphora, o benjoim, a pimenta, e grande copia de outras substancias preciosas, que constituiriam outros tantos elementos de uma permutação vantajosa.

Alem dos generos conhecidos, Sumatra podia fornecer á Europa enorme quantidade de plantas e fructos, ou desconhecidos, nos nossos mercados, ou que n'estes se não recebem actualmente.

Os naturaes de Achem são em geral insulmanos; e passam por laboriosos e destemidos, ou, para melhor dizer, traiçoeiros, qualidade que distingue todos os povos oriundos da raça malaia.

A nossa gravura representa um dos navios de que os achemenses se servem no seu trafico maritimo, e a que dão o nome de *prau* ou *parau*, como lhe chamavam os nossos historiadores do descobrimento da India. São perfeitamente adaptados estes barcos, pela sua peculiar construcção, ao serviço que a'elles se requer nos mares, que têm de percorrer, e que são coalhados de ilhas, separadas por estreitos canaes.

A differença essencial que apresentam os paraus comparados com os barcos de cabotagem usados na

Europa, consiste no aparelho, e no porão, que é dividido, como o das lorchas de Macau, em reparmentos transversaes. Os paraus andam bem, são facéis de manear, e podem receber pezados carregamentos. De ordinario são armados com umas pequenas peças, a que se dá o nome de pedreiros.

BIBLIOGRAPHIA.

Aviso ao Povo relativamente á Cholera Morbo,
por J. R. R. Nilo. 1854. 8.^o (1)

O opusculo acima annunciado contém não só uma serie de preceitos hygienicos, cuja observancia rigorosa é considerada hoje por todos os praticos como o unico preservativo da cholera; mas tambem a indicação dos meios que, á falta de um facultativo, podem empregar-se no tratamento dos individuos atacados da epidemia.

Escripto para o povo o trabalho do Dr. Nilo é despidido do apparatus scientifico que o tornaria inutil ao fim que se propõe.

O favor da Providencia tem até agora livrado Portugal do flagello; elle cerca todavia as nossas fronteiras do Minho ao Guadiana; e por isso cumpre que nos prevenâmos contra a invasão possivel de um inimigo temeroso, seguindo, com prudencia, os conselhos que o Dr. Nilo offerece ao povo no seu *Aviso*, cuja leitura, por nos parecer util, recommendâmos.

(1) Vende-se em casa do auctor, praça de D. Pedro, n.^o 83 = preço 140 réis.